



Malba Tahan, falando a Arnando Pacheco, o repórter, em entrevista para VAMOS LER!

QUEM não conhece Malba Tahan? Não há no Brasil desde o mais simples leitor de almanaques até o mais sizado e arrogante desbravador de livros raros, desde a apaixonada leitorazinha de novelas de Elinor Glin até aos amantes de obras sérias, não há, decerto, quem desconheça o nome de Malba Tahan.

Malba Tahan... Este nome sugere qualquer coisa árabe. Qualquer idéia be-

São dez letras formando um nome oriental, sonoro, bizarro. Em que lugar o escritor foi buscar este nome? Indagarão aqueles que sabem que Malba Tahan vive entre nós, que é brasileiro, professor de várias escolas superiores e que é acima de tudo isto um sujeito simples, amável, simpático, encantador. Mas, a maioria de seus leitores pensa, acredita e jura que Malba Tahan é um escritor ára-

be, idoso, respeitável de trajos e de hierarquia, vestido à moda oriental, bigodes imensos, barba cobrindo o umbigo, turbante de seda, brincos nas orelhas, al-fange à cintura, vivendo em tendas ou harens, casado com 365 mulheres, sentado indolentemente com as pernas cruzadas à moda Ghandi, fumando sonhadoramente um exquísito targullês, alimentando-se de tâmaras e de leite de cabras, espreguiçando-se em tapetes faustosos, orando às arengas dos fanáticos de Alah e de Mahomet, o seu profeta... Quanta gente não pensa que Malba Tahan vive lá em algum recanto nos arredores de Meca?

Seus inúmeros leitores creem piamente que os seus livros tão popularizados no Brasil são méras traduções... Há quem diga que o ilustre orientalista é cidadão genuinamente árabe, vivendo em ambien-

te puramente oriental, escrevendo livros deliciosos para o mundo ocidental. Há quem assevere que Malba Tahan possui uma secretária tipo da Sheerazade que se encarrega de aprender por meio de uma complicada técnica taquigráfica toda a sua trama literária... Imagina-se o autor de "Céu de Alah", "Maktub" e "Lendas do Deserto", inspirando-se em bivaques ao longo da estrada de Damasco, placidamente refestelado em almofadas mouriscas, concebendo livros, criando obras, divagando sobre os segredos das sete cidades proibidas... Outros julgam Malba Tahan um ancião irreprochável que os males e vícios do ocidente não conseguiram corromper... Outros, ainda, o imaginam um feroz muçulmano, espancando as suas 365 esposas, desconfiando dos apologistas do islamismo ou pan-islamismo... Pensam tudo de Malba Tahan.

DEPOIMENTO DE UMA GERAÇÃO

Fala Malba Tahan, o grande escritor orientalista — Como um péssimo aluno de Matemática pôde chegar a ser um grande matemático... — Colega do ministro Oswaldo Aranha no Colégio Militar — A primeira remuneração dos seus trabalhos literários — Um selo do Chile e uma pena de escrever... — Colega de Procópio na Escola Dramática... — Professor de alunos delinquentes, incursos no artigo 294... — A fonte de suas inspirações — O segredo de um autor que possui mais leitores... — Árabe apenas no nome e na obra literária...

Reportagem de ARMANDO PACHECO — (Especial para "VAMOS LER!")

PARA CAMPO E PRAIA



Calças, Culotes e Blusas para senhoras, homens e crianças, na

A COLEGIAL

Largo de São Francisco, 38-40

Mas o certo é que ele é um homem infinitamente civilizado, genuinamente brasileiro.

O que dirão aqueles que o julgam árabe, quando souberem que o seu escritor favorito é carioca de nascimento, filho de uma família brasileira de 100 gerações?

O que pensarão os seus "fans" quando souberem que o livro que eles pensaram que foi escrito num oásis qualquer do Iraque imenso, foi concebido, escrito, publicado e republicado aqui na mui heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro?

Apenas a imaginação do autor é que percorreu o oriente...

O escritor nunca, jamais, em tempo algum saiu do Brasil para o exterior a não ser para o Uruguay. Seus livros e a sua fama saem, mas o autor não.

Malba Tahan nasceu aqui no Distrito Federal. Sua família é paulista. Passou a infância em Queluz, no Estado de S. Paulo. Aos 12 anos foi matriculado no Colégio Militar do Rio, onde foi colega de turma do ministro Oswaldo Aranha. Por um triz escapou de ser oficial do nosso Exército. Tem vários parentes militares. Um irmão herói e pioneiro da nossa aviação. A despeito de ser hoje em dia uma autoridade em Matemática, tendo mesmo publicado diversos livros ensinando essa martirizante matéria, Malba Tahan, durante o seu período escolar foi um péssimo aluno de matemática, um dos piores, chegando ao ponto de um seu irmão desgostoso escrever à família queixando-se da má vontade do menino Julio (nessa época ele nem sonhava em vir a ser um dia o tal Malba Tahan...) para dedicar-se a aprender a ciência apavorante... Entretanto, o menino Julio que se mostrava tão rude que não conseguia meter na cachola as frações e equações, veio a ser depois um dos mais eminentes mestres matemáticos. Mas o menino Julio, que se tornaria mais tarde um íntegro professor sob o nome de Julio Cesar de Melo e Sousa, e que alcançaria sucesso literário sob o pseudônimo de Malba Tahan, já naquela época tão remota, na época do colégio interno e das calças curtas, antes mesmo da vinda de D. João VI, ele já escrevia contos infantis, já ganhava dinheiro escrevendo com-

posições para os outros colegas menos favorecidos pela imaginação e pela criação...

Seu primeiro salário ou remuneração: um selo do Chile e uma pena de escrever. Isto evidencia que o famoso árabe Malba Tahan nunca escreveu de graça... Quer dizer, começou ganhando dinheiro com literatura desde os bancos escolares, muito embora esse dinheiro não excedesse a respeitável quantia de um mil réis, e que fosse às vezes pago com objetos insignificantes como uma pena de escrever, um santo de propaganda de produtos farmacêuticos ou um selo usado...

Malba Tahan foi aluno do Colégio Pedro II, do qual chegou a ser catadrático de Matemática. Curso também a Escola Dramática onde foi colega do grande ator Procópio, o extraordinário Procópio Ferreira, escapando assim de ser artista de teatro. Sabiam disso os seus admiradores? Certamente que não sabiam, mas o reporter é um bicho indiscreto e vai logo descobrindo a vida dos outros... Pois bem, senhores e senhoras, ou ladies and gentleman (como se diz no cinema), Malba Tahan não é árabe, nem sirio, nem turco, nem libanês, nem persa e nem tão pouco hindú, ele é simplesmente brasileiro, e, carioca, bem carioca até. Mas é tão sabido que escreve e descreve coisas do oriente como qualquer sujeito de talento nascido lá...

A sua vida fora das letras tem decorrido quase toda entre graves pedagogos, mas o escritor felizmente não se contagiou jamais com a gravidade de seus colegas. Por isso mesmo seus discípulos são sempre os seus melhores amigos. Assitem às suas aulas com prazer, estudam em seus livros didáticos, e lêem os seus trabalhos sob o pseudônimo de Malba Tahan. Julio Cesar de Melo e Sousa é o mesmíssimo Malba Tahan dos contos e novelas orientais, mas há quem não vá neste golpe porque é muito difícil um matemático saber escrever... Principalmente escrever à moda Malba Tahan, tão simples, tão sutil, tão colorido, tão movimentado... Talvez, quem sabe, se ao escrever literatura ele não seja influenciado por qualquer Malba Tahan escondido no subconsciente? O velho Freud explicaria isso...

Como é que um só homem de 1 metro e 80 pode ser ao mesmo tempo dois personagens diferentes? Um matemático e um escritor que agradam grande número de leitores?!

Como disse antes, Melo e Souza, ou Malba Tahan, tem sido sempre um professor. Quando estreou no magistério primário ele ensinava numa escolazinha de um subúrbio, lá onde Judas perdeu as botas, um lugarzinho tão notável que a maior tarefa do jovem mestre era lavar os alunos imundos e piolhentos... Depois o jovem professor foi transferido para uma escola de menores delinquentes, aí então ele teve oportunidade de lidar com apóstolos desordeiros, todos incursos no artigo 294... Cinco anos mais tarde vamos encontrá-lo ensinando belas morenas da Escola Normal a penetrarem nos labirintos insondáveis da ciência de Pitágoras. E daí em diante ele percorre toda a escala pedagógica — professor primário, secundário e finalmente superior. Mas a literatura não o deixa em paz. O espírito de Malba Tahan está incarnado no mestre-escola que chega a figurar nas estatísticas bibliográficas com o autor didático mais consultado pela infância e juventude do Brasil.

E se formos analisar estatisticamente, veremos que de ambos os lados — didático e literário — Julio Cesar de Melo e Sousa — Malba Tahan é um dos autores brasileiros mais lidos e por conseguinte mais aplaudido.

O reporter disse tudo isso aí em cima,

à guisa de narís de cera, porque, se os prefácios são indispensáveis aos livros, o mesmo acontece com o narís de cera nas reportagens, e um bom reporter nunca deixa de dar um arzinho da sua graça, dizendo sempre algumas xaropadas antes de entrar no assunto...

Um meu amigo cronista, garante que a reportagem é o gênero mais fácil, mais fútil, mais insignificante e mais canja no jornalismo... Ora, quem já fez reportagens poderá responder à altura a esse cronista de má vontade... A resposta mais adequada será, creio eu, a leitura do princípio ao fim de uma reportagem

feita por esse juiz apressado dos reporters... Mas não me cabe aqui querer discutir técnica ou especialidades, fáceis ou difíceis. O que é inegável é que o reporter, embora não sofra a tortura da forma, passa também pelos duros vexamos de viver catando novidades pitorescas, sensações, afim de poder oferecer uma pitadinha de sal ou de pimenta aos seus infáveis clientes... Caso os tenha...

Mesmo quando se trata de um "interview", como no presente caso, a operação de cirurgia plástica de um narís de cera nunca será inoportuna. Pensando assim apliquei uma introdução meio futurista à entrevista que Malba Tahan me concedeu.

Eram mais ou menos 8 horas de uma noite húmida, em que o tempo ameaçava desmanchar o prazer de um footing noturno, quando o reporter apertou o botão da campainha da residência do escritor Malba Tahan.

Um creado sem librê e sem indumentária oriental, depois de inteirar-se de que eu e o fotógrafo não tínhamos aparências suspeitas, convidou-nos a entrar para uma varanda repleta de souvenirs do nordeste brasileiro. Explicamos o objeto da nossa inesperada visita. O homenzinho desapareceu por uns cinco minutos e quando voltou foi com a ordem de introduzir-nos na biblioteca do seu ilustre patrão orientalista. O reporter ficou só com o fotógrafo que quis logo bater uma chapa de uma múmia embalsamada e colocada ao lado da mesa de trabalho do escritor. Mas por infelicidade

(Continua na pagina 63)

nhã do dia dezesseis de Janeiro de 4. Num momento de lucidez pede que seu cadáver seja transportado para Florença (ele está em Roma). No dia dezoito morre aos 89 anos de idade. Mas aquele a quem Miguel Angelo ama e depois lhe fechara as portas, lá está bem à sua cabeceira, vendo se apagar a luz de um amor que, como nenhum outro, ele soubera acender. A vontade do morto fora respeitada. com homenagens jamais atingidas por ro qualquer artista, enterrou-se em rença, com honras de duque, desmendo, assim, as previsões do pai e dos ãos, quando ele fazia garatujas num aço de papel...

Conclusão da pagina

19

não levava sinão uma lâmpada que era reservada para o dono da casa. O gabinete de estudo de Malba Tahan ocupa a uma espaçosa sala. Ao fundo fica a biblioteca onde o reporter bisbilhoteiro cobriu dois exemplares raríssimos do orão. Sendo que um está comentado e estado por um francês eminente e o outro é uma edição original e antiquíssima. não ser uma rica coleção de livros sobre todos os motivos orientais e algumas atuetas caras que meteriam inveja a qualquer inveterado colecionador, nada há ali nos recorda o tema preferido do escritor árabe nascido no Rio. O restante da fabulosa livralhada representa toda a literatura mundial, em prosa e verso, ciência e literatura, consultas, anotações e pesquisas. Tudo fichado, arquivado e distribuído de acordo com os assuntos. As paredes não são vazias devido às estantes que vão até ao teto. Sobre uma banquetta, uma foto do rei Henrique Dodsworth com uma insígnia dedicatória, ao velho amigo e colega de colégio. O reporter fazia divagações sobre a múmia, a sua vida, a história e o seu passado, quando Malba Tahan aparece, vestido ocidentalmente, saudando-nos à maneira sóbria e discreta dos súditos de John Bull. Amistoso shahand. Diálogos iniciais. Algumas exaltações. Um mordomo circunspecto com uma bandeja com licores e café. O dono da casa não fuma mas por uma preocupação gentilisa tem um bom sortido de charutos da Baía com capa deavana. O reporter e o fotógrafo juliam-se felizes, esquecem a longa viagem de bonde de Gávea, cruzam as pernas retados numa poltrona, charutos acesos, ríatos, com fisíonomias de milionários em Palm Beach, olvidando a meia-por-intragavel-invariavel do "Reis" e enoito escutam Malba Tahan falar, vão indo, voando num tapete mágico para o harem de Stambul ou Bagdad... itos da palestra, dos licores e dos charutos... Cumplicidade de tudo isto e do ambiente também... Quando Malba Tahan acaba de dissertar sobre lendas árabes, o fotógrafo acordando do devaneio regressando do passeio a um harem em Bagdad, belisca o reporter e diz que ia tem que ir para a Penha... Que a troa" estava esperando... E ao penhissio ele treme, talvez receando que na cara-metade desconfiasse das suas librações mentais...

O reporter mostra-se solidário com o fotógrafo e uma chapa é batida imediatamente. Logo após o retrato, começam as perguntas: — Como e de onde lhe veio a idéia de usar o pseudônimo de Malba Tahan? — Ah, meu caro amigo, sinto muito,

mas por enquanto eu não quero explicar isso...

É muito cedo ainda... Antes, vocês todos terão uma grande surpresa...

— Como assim?

— Ora, não adianta você ficar curioso agora! Já expliquei que farei uma surpresa que vai dar o que falar a muita gente...

— Revelações?

— Não se precipite, meu caro, nada adiantarei a este respeito... A única coisa que posso lhe garantir desde já é que tenho sido sempre um escritor original...

Tudo que eu escrevo é fruto de trabalhos e acuradas criações...

— De onde arranca você as suas figuras e cenas?

— Da imaginação...

— Tudo fantasia?

— Não, às vezes tiro proveito das minhas observações das coisas, pessoas e fatos da vida, se bem que empregue sempre o meu poder de fantasiar. Daí a paisagem oriental, os costumes, os personagens, os enredos, etc., etc...

— Quer dizer que um episódio observado aqui você o transforma e o transporta para outras plagas?

— Naturalmente... Isto não é uma novidade. Posso fazer assim à minha revelia...

— Poderia me dar um exemplo?

— Ora, meu caro Armando Pacheco, um é pouco, posso lhe fornecer uma infinidade de exemplos!!!

— Venha de lá...

— Espere um momento... Deixe eu ver um que você talvez conheça, é muito falado...

Ah, sim! Você conhece aquele meu conto "Um Homem Prodigioso"? Recordar-se dele?

— Perfeitamente.

— Pois bem, ele foi inspirado num caso bem pitoresco por mim observado na Biblioteca Nacional... Eu era funcionário da Biblioteca, e o meu serviço nessa época era bastante ingrato, carregar livros, livros o dia todo para o pessoal ler...

Lembro-me nitidamente que me chamara a atenção um sujeito exquisiteso, cujo aspecto destoava completamente da assombrosa sapiência, esse sujeito todos os dias me deixava intrigado, dava-me um trabalho imenso, pedia sempre um pesadíssimo volume de uma antiquíssima

História da Holanda, eu me cansava de carregar aquela tonelada de páginas diariamente para o tal individuo... Comecei então a observar o homem que me assombrava pelo seu pontualíssimo estudo de tão remota história... Um dia não pude mais e me aproximei da carteira do sábio historiador afim de entabolar conversa com aquele raro espécimen... Tal era o meu apego àquele livro que eu me tornei um silencioso fanático pela sua sabedoria... Imaginava-o uma verdadeira sumidade... Bem, como eu estava lhe dizendo, um dia não me contive e me encaminhei para a sua carteira afim de confessar a minha grande admiração pelo grande cultor da língua holandesa, qual não foi a minha surpresa, que decepção?... O pobre diabo não conhecia níquel de holandês... Pedia a História da Holanda apenas para dormir descansado... E tudo fora mera coincidência em guardar o número do catálogo...

— É, de fato você tem razão... Como é que você, matemático pôde se tornar novelista e "conteur"? A Matemática não atrapalha?

— Absolutamente. Tanto assim que eu escrevi aquele livro "O Homem que Calculava", e consigo este milagre misturar literatura com os números...

Vamos ler!

EMPRESA A NOITE

Superintendente: L. C. da Costa Netto

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

Redação, Administração e Oficinas
Praça Mauá, 7, 6.º andar — Telefone 23-1919

Diretor — A. VIEIRA DE MELO

Gerente — OCTAVIO LIMA

Diretor-substituto — HEITOR MONIZ

Secretário — CLOVIS RAMALHETE

Orientador Artístico — ISMAEL CUNHA COUTO

Número avulso:

CAPITAL \$800
ESTADOS 1\$000

ASSINATURAS

PARA O BRASIL, PAISES DAS AMERICAS E ESPANHA

(Convênio Panamericano)

1 ano 39\$000
6 meses 22\$000

PARA OUTROS PAISES

1 ano 60\$000
6 meses 35\$000

— Como você arquiteta os seus contos?

— Levaria mais de um dia para explicar, entretanto, é bem simples, mas prefiro falar sobre isto quando o tempo nos for mais oportuno. As crianças sempre me pedem para que eu lhes conte histórias, e acontece que eu vou inventando os meus contos na hora, isto obriga a imaginação a trabalhar, se as crianças gostam eu depois, com certo, melhora o burilo, ponho mais a gosto do outro público maior...

— Dizem que você é um dos escritores que possuem mais leitores, porque?

— Ora, meu amigo, eu só suspeito, acho melhor você perguntar isto ao meu editor Getulio Costa... Ele é a autoridade no assunto e falará com mais eloquência...

— Fala-se muito no seu último livro "A Sombra do Arco Iris"...

— Talvez porque nesse livro eu tenha feito o inaudito trabalho de reunir e editar mais de 2438 poetas brasileiros... É um romance que será no futuro talvez um modesto subsídio à História da Literatura Brasileira.

— Mas esse livro tem obtido um sucesso extraordinário. Fale sobre ele.

— Trata-se de um romance, mas um romance diferente do que se tem feito no mundo.

Um romance onde entram poemas de poetas diferentes. Tomando por exemplo os árabes que em tudo incluem poetas, resolvi escrever um livro original, um romance onde focalizasse os poetas brasileiros, prestando dessa maneira uma homenagem ao meu país. Mas acho melhor não falar em outros detalhes.

O livro vai entrar em segunda tiragem e quem quiser saber mais que o leitor...

— Mas, meu querido Malba Tahan, dizem que "A Sombra do Arco Iris" é um dos maiores sucessos literários de 1941...

— Dizem... Mas eu lhe aconselho a ouvir a opinião do editor Getulio Costa.